

O CONDOR



Leo nasceu e cresceu na região da Patagônia, no Chile. Extremo sul, aquela pontinha das Américas, quase na Antártida. Lugar de ventos uivantes e forças geológicas poderosas.

Sua mãe *campesina* lhe apresentou seu primeiro condor. E o amor àquela terra de amplos espaços e natureza pulsante. Criado solto, quando não tinha de ir à escola – ou fugia dela – ia aprender na imensa sala de aula de sua região. Apaixonava-lhe, em especial, o maciço de Torres del Paine.

Sentidos aguçados, corações fora do peito e pensamento vivo, observava as pedras de variados formatos, as paredes nuas das montanhas cheias de desenhos e tentava ler o que nelas estava escrito. Voltava de suas incursões cheio de percepções e perguntas. Aprendeu, observando e pensando, perguntando e lendo, que Torres emergiu do mar. Brotou empurrado por encontros de placas tectônicas. Que dobraram, torceram, viraram, inclinaram e fizeram camadas em ordem não linear que a crueza das rochas expostas registra e conta.

Extasiava-se com os gelos vivos e ativos, que cavavam vales e empurravam pedras, espessos e impositivos. As neves que se derramavam em avalanches, se compactavam em geleiras e se transmutavam em água leitosa, fecundando a terra e trazendo movimento e beleza.

Especialmente no verão, encantava-se com a vida exuberante. A multiplicidade de florezinhas, arbustos, líquens e musgos. A multidão de sementes que repovoava áreas queimadas por incêndios geralmente iniciados por pequenas ações de estranhos à região, ignorantes do poder dos fortes ventos e arrogantes diante de alertas dos nativos.

A vida multiplicava-se também em pássaros e outros bichos. Imponentes condores que subiam as montanhas em seu voo elegante, passarinhos, patos e outras aves variadas, que atraíam e alimentavam predadores como raposas e pumas. Aprendeu suas cores, sons e hábitos; suas relações e como elas teciam e perpetuavam a rede eternamente em movimento dos seres vivos. Sentia-se tocado pelo pulsar de sua própria natureza animal, revelada indelevelmente pela identificação com esses semelhantes.

Era um universo encantado pelas histórias sobre ele contadas por seus antigos habitantes, em que o tico-tico, com seu colarzinho ocre, é um jovem indígena carregando um guanaco no pescoço, transformado em passarinho por mentir, dizendo que o caçara com as mãos nuas, como exige o rito de passagem dos seus para a vida adulta. Leo aprendeu sobre a riqueza cultural dos Selk'names, Tehuelches, Yaganes e outros povos indígenas, com seus mitos, máscaras, pinturas corporais, arqueria e adaptação nua ao frio e vento extremos. E que foram caçados, adoecidos, embebedados, levados a zoológicos de gente na Europa, e exterminados.

O pai de Leo era um trabalhador da construção civil cuja família tinha tradição em lutas sociais. Com ele, avós e tios paternos, aprendeu de modo vivo sobre a presença forte do anarquismo no Chile nos inícios dos anos 1900. Ao som da música do altiplano, de grupos como Quilapayun e Inti Illimani, soube de acontecimentos políticos dessa época tais como o massacre de trabalhadores em situação análoga à escravi-

dão rebelados em Iquique e histórias semelhantes em sua própria região. O horror do desaparecimento de parentes, a dor e o medo intensos instalados em sua família lhe ensinaram sobre a crueza dos anos de chumbo chilenos.

Criado imerso em experiências, cenários e histórias fortes, como ser feliz com uma vida morna? Leo lança-se à construção de um mundo melhor, em que relações bonitas entre os seres humanos predominem, e enfrenta forças em contrário. Engaja-se visceralmente na luta política, em tempos obscuros, e não tarda para temer e temerem por sua vida. Clandestino, um exilado em seu próprio país, o medo passa a constituir seu cotidiano. Antes acostumado aos amplos espaços, vê-se restrito até em seus movimentos corporais em esconderijos apertados, nos muitos momentos em que sua existência não pode ser percebida.

Valeu a pena. Sopros de democracia passam a fazer-se sentir, ainda que não vigorosos como os ventos de sua terra. Valeu a pena? Os sonhos pelos quais se entregou de corpo e alma, corações e mente nos anos difíceis não chegaram à metade em sua realização. Um gosto de decepção amarga-lhe a boca.

A necessidade do extraordinário segue pulsando forte. Clama por seu nascedouro e leva-o a revigorar-se na natureza extrema. Leo vai, então, ao cume do Aconcágua. Três vezes, duas pela difícil via Polacos.

Reencontrado, faz dos amplos espaços naturais seu escritório. Para a sorte desta contadora de histórias, que bebeu da alegria, densidade e vigor desse incógnito e belo ser humano, ao ser acompanhada e ter apresentado por ele o Parque Nacional de Torres del Paine. Descobriu, assim, a profundidade da palavra Guia.

A Leo González, com amizade e eterna gratidão.

Há conceitos fortemente arraigados nos meios educacionais e no imaginário social, estruturantes e estruturados por modos de ensino predominantes. São ideias como: para estudar bem são necessárias quatro paredes, protetoras da concentração; movimento e aprendizagem são incompatíveis; o bom professor dá muitas aulas expositivas, ou é provavelmente um enrolador; emoção e sentidos como olfato e tato são fontes de enganos e dispersão, pois o conhecimento verdadeiro vem do raciocínio claro, despido deles.

Tive uma experiência de intensa aprendizagem que traz elementos para revisitarmos ideias pedagógicas como estas e outras. Geografia, Geologia, Espanhol, História, Botânica, Ecologia e outras áreas de conhecimento se alargaram e por vezes se transformaram, em uma imensa sala de aula ao ar livre, caminhando com alguém que foi um mestre marcante e inspirou esta história que acabo de contar, na qual tais aprendizados – e muitos outros – podem ser lidos.